BIBLIOTECA DO CIDADÃO

O LIVRO NA RUA®

Série Diplomacia ao alcance de todos

Coleção PAÍSES



ZIMBÁBUE

Coleção Divulgação – INCENTIVO À LEITURA – Distribuição gratuita

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

THESAURUS Editora

© Thesaurus Editora – 2010

O organizador

Paulo Fagundes Visentini – Professor Titular de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pesquisador do CNPq e do Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT). Coordenador do Centro de Estudos Brasil-África do Sul/CESUL. (paulovi@ufrgs.br)

O autor agradece a Ricardo Leães, Bolsista de IC do NERINT e aluno do curso de Relações Internacionais da UFRGS, que colaborou na pesquisa.

AGRADECEMOS A VALIOSA COLABORAÇÃO DO EMBAIXADOR DA REPÚBLICA DA ZIMBÁBUE, SR. THOMAS SUKUTAI BVUMA, PELA VERIFICAÇÃO E ATUALIZAÇÃO DOS DADOS.

Coordenação, editoração, arte, impressão e acabamento:
Thesaurus Editora de Brasília
SIG Quadra 8 Lote 2356, Brasília – DF – 70610-480 – Tel: (61) 3344-3738
Fax: (61) 3344-2353 ou End. eletrônico: editor@thesaurus.com.br

Os direitos autorais da presente obra estão liberados para sua difusão desde que sem fins comerciais e com citação da fonte. Composto e impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

ZIMBÁBUE



Introdução

"Zimbabue" significa Casa de Pedra ou a Corte Real. O nome vem do império Bantu dos séculos XII-XVII, cuja capital foi construída com pedras secas, sem argamassa.

O Zimbábue é um país situado no sul do continente africano e sua capital é Harare. Seu território abrigou um importante Estado africano, que tinha o

nome do atual país. Como colônia britânica, era denominado de Rodésia devido à colonização do "empreendedor" inglês Cecil John Rhodes. Fato pouco lembrado, o país padeceu de um regime racista, gêmeo do *Apartheid* sul-africano, tendo sido necessários quinze anos de luta armada para que se obtivesse independência. Os negros venceram as primeiras eleições democráticas em 1980 mas a minoria branca manteve o controle sobre a maior parte da economia, especialmente a terra.

Geografia e população

O Zimbábue é um país tropical, mas de temperatura amena devido à grande altitude. O terreno é formado, sobretudo, por planaltos de savanas. Durante o ano, há um período de seca – de maio a setembro – e outro de fortes chuvas – de novembro a março. Esse clima favorece um solo bastante fértil à agricultura e à pecuária. No subsolo há ouro, diamantes, platina, carvão, cromo, cobre, níquel, amianto e ferro. O país dispõe de uma ótima rede hidrográfica permanente, sendo banhado ao norte pelo rio Zambeze, onde foi construída a hidrelétrica de Kariba, e ao sul pelo Limpopo e Save.

A superfície do Zimbábue é de 390 759 km² (densidade demográfica de 30 hab./km²) e o país não tem saída para o mar, fazendo fronteira ao sul com África do Sul, a oeste com Botsuana, a leste com Moçambique e com a Zâmbia ao norte. Essa posição geo-

gráfica propiciou que o país ingressasse na Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), que visa a promover a integração e o desenvolvimento sócio-econômico entre os países-membros.

O Zimbábue tem cerca de treze milhões de habitantes. Em 2010 o Zimbábue tornou-se o país com a mais alta taxa de alfabetização no continente africano, segundo o Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento (PNUD). Aproximadamente 66% das pessoas moram no campo. A população, em média, vive pouco além dos quarenta e sete anos.

A maior parte da população é da etnia Shona (82%), e a segunda maior é Ndebele (14%). A religião sincrética (uma mistura entre fé cristã e crenças indígenas) é praticada por metade dos zimbábuanos, o cristianismo por 25 % e as religiões tradicionais por 24%.

História

A história é antiga, pois os pastores bantos chegaram à região por volta do século VI. O desenvolvimento da agricultura, da mineração e de comércio (com muçulmanos e portugueses na costa de Moçambique) permitiu que fossem edificados impérios prósperos e poderosos como Zimbábue. Comerciantes, caçadores e missionários portugueses chegaram ao *Great Zimbabwe* no século XVI. Os portugueses foram os primeiros europeus a colonizar o Zimbábue, através



de um tratado de vassalagem assinado por Mutapa Kapararidze. O império do *Great Zimbabwe* tombou no século XVII e foi substituído pelo império *Rozvi*. Os *Rozvi* derrotaram e expulsaram os portugueses do império *Great Zimbabwe*. O império *Rozvi* foi substituído no século XIX pelo reino dos *Ndebele*.

O período colonial começou na década de 1890, durante o reino ndebele, quando Cecil John Rhodes chegou ao país com a Companhia Britânica da África do Sul. Em 1888, ele tinha obtido a concessão para explorar as minas existentes na região. O país passou a ser denominado de Rodésia do Sul, em contraposição à do Rodésia Norte – atual Zâmbia, que também era administrada pela empresa do imperialista inglês. Houve, contudo, alguns problemas em decorrência das revoltas dos africanos: os *shona* e os *ndebele* procuram resistir à ocupação europeia, tentando impedir a redistribuição de terras que, naturalmente, só favorecia os invasores.

Mesmo assim, os africanos foram vencidas, e, antes do início do século XX, foram subjugadas às autoridades britânicas.

Após esse período houve a criação de um Conselho Legislativo, composto somente por europeus. Contudo, com a determinação de que as terras dos colonos não eram sua propriedade, mas da coroa britânica, ocorreu uma reviravolta na política da Rodésia do Sul. Assim, em 1922 os colonizadores decidiram por referendo obter sua autonomia, o que acabou sendo uma compensação por sua participação na Primeira

Guerra Mundial. Então o país começou a produzir tabaco e cromo, que viriam a ser os seus dois principais produtos de exportação ao longo da história.

O fim da Segunda Guerra Mundial foi, talvez, o fenômeno mais importante para a maior parte dos países africanos, pois avançavam as forças da emancipação, em meio às dificuldades das metrópoles.

Nesse contexto a população local passou a pressionar por sua independência, superando os bloqueios existentes. Em 1953 esses protestos já incomodavam bastante as autoridades britânicas, que criaram a Federação Rodésia e Niassalândia, ou da África Central, reunião das Rodésias do Norte e do Sul (Zimbábue e Zâmbia) e a Niassalândia, (o Malaui) com o intuito de viabilizar um Estado que evitasse uma descolonização radical. O sul possuía uma agricultura comercial dominada pelos brancos, o norte era forte na mineração de cobre e a Niassa possuía abundante mão de obra. Para os ingleses, havia espaço para a cooptação de alguns movimentos negros, dando aos brancos uma sobre-representação.

Essa Federação não se manteve por muito tempo, pelo desentendimento entre os brancos e os africanos, pois os primeiros não aceitavam as minúsculas concessões da metrópole aos negros. Dez anos após a sua criação, ela deixou de existir, com a Rodésia do Norte – que se tornou Zâmbia – obtendo a independência em 1964. Quanto ao sul, este permaneceu uma colônia inglesa *de jure,* mas em meio a crescentes

divergências entre Londres e os colonos. Os líderes brancos, contudo, fizeram uma Declaração Unilateral de Independência em 1965, a qual rechaçava a idéia de uma democracia multirracial – tentativa inglesa de agradar a população nativa – e as minorias fizeram o que puderam para manter um Estado elitista e racista.

Os britânicos pediram à ONU para impor sanções ao novo regime da Rodésia. Além disso, a população nativa, que sofria muito com a injusta distribuição de terras que fora realizada, passou a reivindicar mudanças. O Exército Africano de Libertação Nacional do Zimbábue (ZANLA), braço armada da a União Nacional Africana do Zimbábue (ZANU, que era liderada por Robert Mugabe), e o Exército Revolucionário do Povo do Zimbábue (ZIPRA), braço armado da União do Povo Africano do Zimbabwe (ZAPU, que era liderado por Joshua Nkomo), travaram uma longa guerra de guerrilhas contra o regime racista. Todavia, a independência de Moçambique, aliado dos guerrilheiros, tornou a situação insustentável. Em 1979, com a assinatura dos Acordos de Lancaster House, em Londres, e zimbabuanos – tanto brancos quanto negros - chegaram a um acordo, e a luta armada de libertação cessou.

No ano seguinte, Robert Mugabe, da ZANU, venceu as primeiras eleições do país e se tornou o primeiro ministro. Terminava o regime racista não reconhecido internacionalmente e o país adotava sua denominação histórica: Zimbábue. Contudo, houve um pacto garantindo imunidades políticas aos racistas

e garantias às propriedades da minoria branca. Além disso, houve disputas entre os dois movimentos nacionalistas por oito anos, até o acordo que definiu a união dos dois partidos, através da União Nacional Africana do Zimbábue – Frente Patriótica (ZANU-PF). Roberto Mugabe tornou-se Presidente do Zimbábue e Joshua Nkomo o Vice Presidente. Ao mesmo tempo, a nação enfrentava agressões armadas por parte do regime de Apartheid da África do Sul, que tentava bloquear a marcha da onda de libertação naquele país, o que somente cessou com o fim do *Apartheid.*

Política

De acordo com a constituição (1979), o Zimbábue é uma República Parlamentaria. Todavia, hoje Zimbábue tem um Presidente, um Primeiro Ministro e um Vice Primeiro Ministro composto por lideres de partidos políticos que assinaram o Acordo Global Político em 2008 e formaram um governo inclusivo em 2009. O poder legislativo é exercido por uma câmara de deputados e um Senado, cujos membros são escolhidos por voto popular. O ZANU-PF, principal partido político e liderado por Presidente Robert Mugabe, vem dominando as eleições nos últimos anos. Seu grande oponente é o Movimento por Mudança Democrática (MDC), cujo líder é Primeiro Ministro Morgan Tsvangirai.

O governo realizou uma grande reforma agrária que visava a corrigir as distorções da política de distri-

buição de terras que havia sido realizada nos tempos de colonialismo. Com o governo trabalhista britânico negar sua contribuição financeira no programa de reforma agrária, o governo zimbabuano distribuiu terras à maioria africana, sem indenizar os fazendeiros europeus, aguardando que o governo ex-colonial britânico paga-los. Em retaliação, a Bretanha e seus aliados impuseram sanções contra o Zimbábue. A combinação de sanções com novos fazendeiros africanos sem experiência e recursos resultou numa situação em que a agricultura do país perdeu dinamismo. A situação econômica tornou-se difícil.

As eleições de 2008 foram inconclusívas. Nem o Presidente Mugabe da ZANU-PF e nem o Morgan Tsvangirai do MDC ganhou uma maioria absoluta para ganhar a presidência. O pleito foi marcado por tensões e forte ingerência externa. O Morgan Tsvangirai desistiu de concorrer no segundo turno da eleição. O Robert Mugabe elegeu-se como Presidente.

No fim do mesmo ano, entretanto, a situação tornou-se tão difícil que os três partidos do Zimbábue assinaram um acordo para formar um governo inclusivo. O Robert Mugabe seguiria como o Presidente e os rivais Morgan Tsvangirai e Arthur Mutambara passariam a ser o primeiro-ministro e vice primeiro ministro. O governo inclusivo foi formado em fevereiro de 2009. Apesar de enfrentar grandes problemas, o governo inclusivo conseguiu em acabar com a hiperinflação e em estabelecer estabilidade e paz política relativa.

Presidente Mugabe tem desenvolvido uma diplomacia de *Look East*, buscando parceiros na Ásia, especialmente na China, que tem feito alguns investimentos e apoiado o Zimbábue no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas contra sanções punitivas solicitados por países ocidentais. Os países membros da SADC são os patrocinadores do governo inclusivo do Zimbábue e os lideres da União Africana apóiam essa solução zimbábuana. Mas a razão dos países africanos apoiarem o governo inclusivo zimbábuana é bem mais do que o velho companheirismo da época da luta contra os regimes racistas (e seus aliados Ocidentais). Vários países da região enfrentam dificuldades sócio-econômicas devidas a compromissos como o firmado por Mugabe em 1980 e não podem tocar em certos interesses. Além disso, o surgimento de oposições com articulação internacional é percebido como uma ameaça a governos. E por fim, da crença renovada de que os africanos devem resolver seus próprios problemas sem ingerência externa.

Economia

O Zimbábue tem uma economia diversificada, a qual se baseia principalmente na agricultura. Outros setores importantes da economia são a mineração, a manufatura, turismo e serviços. A agricultura é a locomotiva da economia. Ela contribui em 18% no PIB, contribui em 45% nas exportações e emprega 70% do povo zimbabuense. O país produz: milho, horticultura,

tabaco, algodão, cana de açúcar, feijão-soja, chá, café, trigo, carne bovina, leite, madeira de construção.

O Zimbábue possui vastas riquezas minerais. A exploração de alguns dos minerais, tais como platina e diamantes, começou recentemente. A mineração contribui em 7% do PIB. Os seguintes minerais são produzidos: ouro, metais do mesmo grupo da platina, diamantes, pedras preciosas, granito, níquel, cromo, minério de ferro, carvão, vanádio e amianto crisólito. O setor de manufatura é diverso e razoavelmente desenvolvido. Ele contribui com 25% do PIB e os produtos incluem gêneros alimentícios, bebidas, tabaco, tecidos, roupas, couro e calçados, móveis, produtos químicos e metais.

Os principais produtos da economia zimbabuana são, platina, ouro, tabaco, algodão, níquel, açúcar, chá, café, carne bovina, horticultura, roupas e tecidos, amianto crisólito.

Todavia, seguindo a reforma agrária e a imposição de sanções, o Zimbábue padeceu de uma crise econômica - hiperinflação galopante, encerramento de fábricas, taxa alta de desemprego, escassez de produtos de consumo. Anteriormente, o país tinha uma produção de bens bastante expressiva em termos africanos.

A situação tem melhorada desde 2009. O governo adotou como moeda do país um cesto de moedas estrangeiras, tais como o dólar americano, a libra, o rand da Africa do Sul, o euro e a pula de

Botsuana. Essa medida acabou com a hiperinflação e em 2010 a inflação média anual estima-se a 4.5%. O PIB vem crescendo e estima-se que em 2010 cresce até US$ 5 bilhões de dólares**.** As exportações totalizaram US$ 1,09 bilhão e as importações US$ 2,03 bilhões (2009)

O país ainda padece por conta das sanções que foram impostas por Bretanha e seus aliados. Críticos argumentam que estas só foram impostas com o intuito de minar as bases governistas do Presidente Robert Mugabe, para que haja uma mudança de liderança e, principalmente, de políticas sócio-econômicas no quadro administrativo do Estado. Os organismos e países que impuseram as sanções, por outro lado, dizem que o fazem com o objetivo de favorecer a democracia e o respeito de direitos humanos.

Dados Básicos

Nome oficial: República do Zimbábue
Forma de governo: Democracia Parlamentaria
Chefe de governo: Robert Gabriel Mugabe
Independência: 18 de abril de 1980
Capital: Harare
Área: 390 759 km²
População: 12,5 milhões (2009)
Densidade demográfica: 31,99 hab./km² (2008)
PIB: US$ 5 bilhões (2010)
Moeda: Cesta de moedas estrangeiras: o dólar ameri-

cano, a libra, o rand da África do Sul, o euro e a pula de Botsuana.

Exportações: US$ 1,09 bilhões (2007).

Principais produtos exportados: Ouro, platina, tabaco, níquel, açúcar, chá, café, carne bovina, horticultura, algodão, roupas e tecidos, amianto crisólito.

Importações: US$ 2,03 bilhões.

Principais produtos importados: máquinas e equipamentos de transporte, veículos, tratores e ferramentas agrícolas, outros manufaturados, produtos químicos, tecnologia de informação e combustíveis.

Alfabetização: 92% (PNUD 2010).



Para saber mais

FARLEY, Jonathan. *Southern Africa.* London & New York: Routledge, 2008.
MAZRUI, Ali A. (Ed.). *Africa since 1935. General History of Africa – vol. VIII.* Oxford; James Currey/ Paris: Unesco, 1999.
1L'État de l'Afrique 2009. Paris: Jeune Afrique,2009.
SELLIER, Jean. *Atlas de los pueblos de África.* Barcelona: Paidós, 2005.
STONEMAN, Colin, and CLIFFE, Lionel. *Zimbabwe: politics, economics and society.* London & New York: Pinter publishers, 1989.



FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

A Fundação Alexandre de Gusmão realiza atividades culturais e pedagógicas, além de estudos e pesquisas no campo das relações internacionais e da política externa brasileira, promovendo e divulgando reflexões sobre o cenário internacional e o Brasil no mundo.

www.funag.gov.br